

Mendes, Murilo

(1901-1975)



Tão pouco sabe o povo português de um autor que a ele devotou aquela que talvez seja a mais plena homenagem: a escrita, a que em páginas se guarda, de um estrangeiro que nos olhou de dentro e que de coração se converteu português. A *Janelas Verdes*, obra de Murilo Mendes aqui em análise, Luciana Stegagno Picchio chamou “um livro português, um acto de amor a Portugal” (Picchio, 2003: 7). Haverá dedicação maior do que a que se origina em afeto, não em obrigação?

Murilo Monteiro Mendes – que, do tanto que foi, em poeta brasileiro mais frequentemente se resume, segundo Laís Corrêa de Araújo (Araújo, 1972) – nasceu filho de Onofre Mendes e Eliza de Barros Mendes, em Juíz de Fora, Minas Gerais, a 13 de maio de 1901. Nesta memória de infância e juventude, arquivou cuidadosamente a passagem do cometa Halley, em 1910, e, sete anos mais tarde, a fuga do colégio interno para assistir aos espetáculos do bailarino russo Nijinski: como nascentes de deslumbre pelo mundo. A elas se agarrou como se poesia e delas fez uso como se musas da arte. Os estudos que iniciou na terra natal e que prosseguiu no colégio de Niterói conduziram-no naturalmente, em 1920, ao Rio de Janeiro, cidade da alegria e da vida, que o inspiraria às primeiras tentativas de criação: aí principiou o seu trabalho literário, ao publicar inúmeros poemas em revistas modernistas. Talvez destas primeiras ligações advenha a sua conexão a uma chamada Segunda Geração Modernista que o autor, contudo, sempre negou, numa recusa insistente – mas infelizmente pouco conseguida – de se apartar de qualquer estilo, género ou conotação. Assim defendia convictamente a bandeira da liberdade criadora – fiel, unicamente, a personalidades e valores. Em 1930, fez chegar ao público a sua primeira obra, *Poemas*. Antes de mais escritor, atravessou, embora por períodos de tempo não muito longos, outras áreas em nada à primeira semelhantes: telegrafista, auxiliar de contabilidade, notário, entre outras. No entanto, por cansaço da vida ou alma de viajante, preteriu o conforto de uma vida em terra conhecida em favor da descoberta do novo e, entre as décadas de 40 e 50, mudou-se para a Europa que intentara conhecer ainda do outro lado do Atlântico. A sua primeira incursão por

Mendes, Murilo

um continente que tanto o fascinara fez-se de breves e saltitantes passagens por países como a Bélgica e a Holanda até se fixar, em 1957, em Roma, como professor de literatura e cultura brasileiras, premissa a partir da qual percorreu a Europa em conferências e se tornou referência assídua em crónicas e trabalhos literários.

Entre passagens buliçosas e longas viagens, descobriu Portugal, país ao qual dedicou a alma e do qual fez segunda casa, raízes intensificadas pelo casamento com Maria da Saudade Cortesão, filha do médico, político e escritor português Jaime Cortesão, personalidade com a qual desenvolveu a mais pura amizade – a que se alimenta da admiração. Sem descendentes, de família ausente que não a portuguesa, entregou-se intensamente à produção literária que iniciara com *Poemas*, legando uma obra tão vasta quanto vária, da qual se destacam, em diversos géneros: *História do Brasil* (1932), *Tempo e Eternidade* (1932), *O Discípulo de Emaús* (1944), *Janela do Caos* (1948), *Tempo Espanhol* (1959) e *A Invenção do Infinito* (2002) e *Janelas Verdes* (2003), as duas últimas póstumas. Uma obra que se fez de uma experimentação muito própria da realidade, de um mundo imaginado, de um puzzle de formas e estilos, num discurso que se pondera a si próprio antes de fluir. O autor escreve tanto aquilo que vê quanto aquilo que imagina. Vê para além do visível e sente a necessidade de o colocar em palavras. Observa através da escrita, numa obra urgente de se construir, e, no seu texto *Microdefinição do Autor*, Murilo Mendes faz saber: “Sinto-me compelido ao trabalho literário: pelo desejo de suprir lacunas da vida real; pela minha teimosia em rejeitar as “avances” da morte (...); pelo meu congénito amor à liberdade (...); pelo meu não reconhecimento da fronteira realidade-irrealidade” (Mendes, 2003: s/p). Neste nosso país que escolheu amar, faleceu, no Estoril, a 13 de agosto de 1975, e nele permanece.

Nada nos ensina mais sobre o nós que somos do que olharmo-nos através do outro. É no encontro com a perspetiva do outro, no confronto com o que o outro pensa, que melhor nos descobrimos e redefinimos. Em *Janelas Verdes* colocamo-nos em frente do espelho que é a visão de um viajante brasileiro sobre Portugal e os portugueses. Os primeiros passos do autor no nosso país datam de 1953, momento em que aqui lecionou literatura brasileira, todavia a

Mendes, Murilo

obra somente seria terminada em 1970. Dirigia-se ao povo português sobre o qual escreveu e pretendia, primordialmente, aqui ser publicada, contudo foi-o primeiramente no Brasil, por motivos que se supõem de ordem editorial. Apenas após a morte do autor, em 1989, alcançou o público português, conquanto numa versão parcial, distinta da que o autor havia concebido. A edição completa foi publicada tão-só em 2003.

Uma obra que inicialmente se apresenta como mero relato de um viajante brasileiro sobre um país e o seu povo transforma-se página a página num tributo, num canto de homenagem, numa declaração de amor a Portugal e aos portugueses. Trata-se de uma veneração apenas possível se através da afeição, não da mera contemplação; uma expressão respeitadora de um belo que o olhar estrangeiro mais fácil e espontaneamente percebe.

Janelas Verdes: um título que o português naturalmente associaria ao imponente edifício do Museu de Arte Antiga de Lisboa e que assim confinaria a obra a um espaço fechado, a uma visão diminuta. No prefácio à obra, Luciana Stegagno Picchio refere: “Mas, para ouvidos brasileiros, “Janelas Verdes” é sinónimo de rua lisboeta, fachadas de casas de azulejos, com suas persianas pintadas de verde, abertas para o sol entrar, fechadas para proteger a intimidade do lar. Uma vista de fora para dentro, do aberto para o fechado” (Picchio, 2003: 7). Ainda em notas adicionadas à obra, o autor desengana o leitor, redirecionando o título para as ruas e os passeios portugueses, o povo português, uma abertura para os outros, uma atitude de acolhimento. Uma perspectiva aberta, ampla, comunicativa, viva. A edição de 2003 – tão mais próxima do que Murilo havia traçado – divide-se em duas partes (dois “setores”) e um apêndice, correspondendo ao que o próprio autor reconheceu como falta de coesão, de homogeneidade. No primeiro setor, o leitor encontrará a cidade imaginada, que não mais é do que um meio muito próprio – em jogo realidade versus irreabilidade – de olhar o mundo. Um conjunto de cidades e lugares tão portugueses quanto Guimarães, Porto, Lisboa, a Serra do Marão, as Berlengas e Freixo de Espada à Cinta, que desfilam em mais do que simples observação: em conhecimento profundo, em visita atenta, em desejo de maior descoberta.

No segundo setor, o autor dedica-se a retratos de escritores e artistas portugueses – de Gil

Mendes, Murilo

Vicente e Mariana Alcoforado a Eça de Queirós e Florbela Espanca – que, por sua vez, são novas dedicatórias a outras personalidades – de Mário Soares e Maria Barroso a Sophia de Mello Breyner e o sogro Jaime Cortesão – num labirinto de nomes e histórias que transmitem, como qualquer leitor concordará, a mais bela das admirações. Em apêndice, foram acrescentados manuscritos do autor – nos quais se inclui o já mencionado texto *Microdefinição do Autor* – e outros textos maioritariamente em verso que o poeta designou de *Murilogramas*. Assim se compreende uma certa fragmentação de que falávamos, como se de um trabalho de colagem se tratasse, como uma manta de retalhos que Murilo vai construindo e desconstruindo em pausa e recomeço. A obra resulta de uma montagem de observações, de discursos, de relatos, de retratos, de dedicatórias, de tudo um pouco que o autor vai absorvendo do mundo que contempla em estupefação. Numa linguagem que, conquanto simples e em tentativa constante de aproximação ao português de Portugal, vai pausando para respirar, rever-se e reescrever-se, Murilo desfia, segundo Elsa Pereira (Pereira, 2003), diferentes géneros, discursos e técnicas – da prosa à poesia, da ficção à realidade.

Ao longo das páginas que se desfolham, a obra comporta uma evolução tanto indiscutível quanto indescritível: de uma contemplação em êxtase para uma observação crua e dura. Em momento algum Murilo permite que o afeiçoamento ao objeto lhe tolde a clareza com que o perspetiva. Uma característica unifica o discurso: uma fidelização no relato que só é praticável quando lhe precede uma admiração intrínseca pelo que é relatado. Relembro: haverá homenagem mais bela?

Passagens

Brasil, Portugal, Bélgica, Holanda, Espanha, Itália.

Mendes, Murilo

Citações

O passeio às margens do Douro, com alguns pontos arcádicos intactos, remetendo-nos à época do prestígio da “natureza”, conclui-se, no regresso, por um impacto: a visão do bairro da Ribeira, trágico panfleto se movendo contra o egoísmo humano e a estrutura da sociedade capitalista. Ali, a miséria começa no ventre da mulher grávida, na futura criança em breve exposta à chuva, às moscas, à sujeira, e termina no velho descalço, roto, esfaimado. (*Janelas Verdes*, p. 23)

Deixo a dissonante Setúbal, seu ar de temporal adiado, uma torneira (de hotel) que não funcionava, talvez implicasse comigo; suas pós-sereias de mãos fora da moda, olhos bem no lugar dos olhos, netas retardatárias das sereias amigas de infância de Bocage; suas conversas e conservas. Vou ruminando, pensamenteando, curiosando, flautizando coisas; afundo-me nas delícias cinematográficas do gerúndio. Respiro: talvez o nosso último álibi. (*idem*, p. 110)

Em compensação Dom José, todo verde, levanta-se da base de sua estátua, inclinando-se em sinal de reverência à luta grandiosa e anónima das mulheres portuguesas que, nascidas do povo, amam e vivem para o povo; e que, ainda ao morrer, trabalham, sonhando sempre com uma casa de janelas verdes, na cidade ou no campo. (*idem*, p. 126)

(...) e, querendo dessacralizar a temática e as fórmulas, quase sempre convencionais ou ridículas, “Portugal pequenino”, “Portugal dos meus avós”, procedi com extrema liberdade e desenvoltura. Espero, entretanto, que tenha deixado aqui a marca do meu afecto. (*idem*, p. 193)

Bibliografia Ativa Seleccionada

MENDES, Murilo (2003), *Janelas Verdes*, Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições.

Mendes, Murilo

Bibliografia Crítica Seleccionada

ARAÚJO, Laís Corrêa de (1972), *Murilo Mendes*, Rio de Janeiro, Editora Vozes.

— (1972), *Murilo Mendes - nota biográfica, introdução crítica, antologia, ideário crítico, depoimentos bibliográficos*, Rio de Janeiro, Editora Vozes.

FERRAZ, Eucanaã (2003), “Em Portugal com Murilo Mendes”, in MENDES, Murilo, *Janelas Verdes*, Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições.

FRIAS, Joana Matos (1999), “Murilo Mendes e o Cosmotexto Ideogramático”, in *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas*, vol. XVI, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 125-142.

— (1998), *Tempo e negação em Murilo Mendes*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Dissertação de mestrado em Estudos Portugueses e Brasileiros.

PEREIRA, Elsa (2004), “A cidade, sob o signo da invenção: Janelas Verdes, de Murilo Mendes”, in *Terceira Margem - Revista do Centro de Estudos Brasileiros*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, nº 5, pp. 35-42.

PICCHIO, Luciana Stegagno (2003), “As Janelas Verdes de Murilo Mendes”, in MENDES, Murilo, *Janelas Verdes*, Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições.

Inês Santos Silva - Estudante do Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes (2016/02/04)